

DOI: 10.5281/zenodo.21907452

Recebimento dos originais: 31/03/2026

Aceitação para publicação: 23/05/2026

TUDO O QUE ERA DELA TOUT CE QUI LUI APPARTENAIT

Anderson Pedro Santos da Silva

Apesar de tudo, o viúvo, se é que podemos chamá-lo assim, conseguiu manter a compostura durante a missa de sétimo dia do falecimento da esposa. Claro, sua aparência durante a cerimônia era a de um homem extremamente abatido, com olheiras tão grandes que seus óculos escuros não conseguiam esconder por completo. Estava sem dormir há dias. Nervoso, fazia tremer em suas mãos o folheto com os cânticos da missa. Realmente passava a imagem de alguém que só agora se dava conta de sua perda e estava prestes a enlouquecer. Ainda assim, com todas essas demonstrações de abalo, ele conseguiu conter a vontade que tinha de gritar, pedindo socorro, denunciando o tormento pelo qual passava há dias. Mas, não se arriscaria a se expor ao ridículo, ali na frente de todo mundo.

Suas esperanças de pôr fim a esse tormento estavam depositadas no que pretendia terminar de fazer o mais rápido possível. Por isso, antes mesmo de ser consolado ao fim da cerimônia, ele saiu, entrou em seu carro, passou num mercantil para pegar o que precisava: caixas de papelão vazias, sacolas e durex para continuar a tarefa que já tinha iniciado no dia anterior.

Chegou em sua casa, num condomínio de luxo, com terrenos amplos, de casas bem distantes entre si. Longe do movimento e da feiúra da cidade. Passou pela sala cujo piso já estava tomado de caixas cheias de objetos empacotados, as estantes e prateleiras já praticamente vazias dos enfeites, retratos. Dirigiu-se ao quarto do casal e logo iniciou o empacotamento de mais coisas das quais precisava se livrar.

Pegou seu celular e abriu no aplicativo de mensagens a conversa com um número não identificado. Na tela, apertou para tocar a última mensagem de áudio enviada em resposta para ele:

“Faça como eu tô lhe dizendo. O senhor tem que jogar as coisa dela fora. Entendeu? O certo é se livrar de tudo quanto é coisa que a morta usava. Jogue fora ‘tuda’ as coisa que era dela! Não tem outro jeito.”

Abaixo, se lia a última pergunta, ainda sem resposta, feita pelo viúvo ao homem, “as coisas que eram dela ou que ela usava?”.

O homem praguejou. Estava impaciente, olhou pela janela e viu que o sol ainda era visível, mas já se aproximava do horizonte oeste. Se fosse rápido, talvez conseguisse resolver tudo ainda antes do anoitecer. Começou a jogar primeiramente as roupas penduradas nos cabides para dentro da primeira caixa. Jogou ali também pequenas bijuterias. A caixa se encheu. E mais uma, ficou plena de vestidos, calças, peças íntimas. Pegou outra e logo a encheu de sapatos e tênis. Sentou-se diante da caixa, forçando para que coubessem mais coisas ali, não queria ter que voltar à rua para conseguir mais caixas de novo. Pegou a fita durex, sentou-se diante da pilha encaixada e começou a selar a embalagem. Suspirou forte, recostou-se na cama, dobrou o pescoço para trás, olhando para cima, pensativo. Mas, exausto, não resistiu e dormiu.

Acordou assustado com o alarme do celular que exibia na tela o lembrete “remédio”. Era noite. Procurou nos bolsos do paletó a cartela dos medicamentos que obrigatoriamente deveria tomar para o resto da vida por ser um transplantado renal. Não encontrou. Lembrou que há dias deveria ter comprado as caixas de reposição. Nem lembrava a última vez que tinha tomado os remédios. Ele era indisciplinado e já começava a sentir as consequências disso, as dores no ventre estavam cada vez mais fortes. A pouca disciplina que tinha era a falecida que lhe impunha.

— Droga...Droga – disse em prantos com as mãos na cabeça.

Tremendo e apressado, tentou se recompor e voltar ao empacotamento. Levantou-se e meteu a cara dentro do guarda-roupa e começou a puxar nervosamente todos os objetos dali, sem se preocupar se eram dele ou da esposa falecida. Mas, foi interrompido pelo som sobrenatural da voz dela preenchendo todo o quarto.

— Amor! Amooooor? Amor!

O homem se deteve e evitou olhar para trás. A mulher insistiu.

— Amor? É tu? Minha vista tá turva. Onde eu tô?

Ele tentou ignorar.

— Responde. O que tu tá fazendo? Não me ignora!!! - dizia ela melosa.

— Vai embora! – gritou enraivecida – Me deixa em paz!

A visagem pareceu não escutar, aparentava estar desnorteada.

— Eu tô me sentindo estranha, amor...

— Vai embora! - falou baixo, ainda evitando olhar para a imagem da mulher.

Ela caminhava a esmo pelo quarto, com dificuldade, mancava. Via apenas o vulto do marido sem foco com o único olho útil que havia lhe sobrado no rosto. Confusa, perguntou a ele:

— A gente tá brigado? Tô confusa...esquecida... o que foi que eu fiz agora?

O homem silencia. Ela insiste.

— Porque tu tá assim comi... Amor, tá noite! Já tomasse teu remédio pro rim? Tu sempre esquece, né. Não pode faltar nem um dia, esqueceu, seu bobo?

Rapidamente, ele responde mentindo:

— Tomei já. Vai embora!

Com voz chorosa, quase como uma criança, a mulher perguntou mais uma vez:

— Porquê tu tá assim comigo?

O homem se voltou para ela, nervoso e apavorado com a imagem putrefata daquela visagem, um corpo com partes carbonizadas, cabelos comidos pelo fogo e partes em carne viva, tostadas. Rápido desviou o olhar, não suportava ver aquilo. Ele tentou abrir a boca para falar algo, mas ela falou de novo, dessa vez cobrando em voz alta o homem.

— Porquê tu tá assim comigo? Porquê tu tá assim comigo? Fala, não me ignora!

— Porra! Tu morreu! Eu já te disse. Some! Tu morreu, tu tá morta, graças a deus, morta! Faz como os outros mortos e some! Volta pro inferno, merda! Me deixa em paz!

Ela pareceu desnorteada mais uma vez. Gemeu. Balançou a cabeça para um lado e para o outro. Deu um risinho e voltou a falar com sua voz manhosa:

— Morri, é? Só se foi de amor por ti. Só morro de for de amor por...

Ela se interrompe, põe as mãos na cabeça e se abaixa como se lhe faltasse forças nas pernas. Vieram-lhe à mente as lembranças do dia de sua morte, após ter dirigido desgovernadamente, de capotar com o carro. Sentiu também, na própria pele a lembrança do fogo.

— Não, não, não! Tá queimando, tá queimando! Me ajuda, me ajudaaaa, amooooor.

Sem compaixão nenhuma, ele falou com raiva:

— Lembrou agora? Morreu, e era pra ter sumido de vez. Mas, agora eu já sei porque tu volta. Só que já tô resolvendo isso, me livrando de tudo. Tu não vai mais aparecer.

A mulher se contorcia no chão aos berros. Depois de um tempo, ela diminui a intensidade do choro, se contorcendo cada vez menos até parar de vez. Permaneceu jogada ao chão, enquanto o homem, sisudo, voltou a arrumar as coisas.

Ainda no chão, a mulher parecia tentar lembrar de mais alguma coisa.

— Eu tava com raiva de ti. Porquê? Porquê? Porquê? Porquê?

Num fluxo veloz, a memória de seus últimos minutos antes do acidente lhe veio à mente. Lembrou de ter chegado em casa, de ter visto à porta um sapato feminino que não era o dela, depois as roupas espalhadas pelo chão da sala, saia, calcinha, sutiã de outra mulher. Lembrou claramente do tom de voz da outra, os gemidos vinham de dentro do seu quarto. E finalmente lembrou de como ficou sem chão ao ver o marido com outra mulher, em sua própria cama. Não estava em condições de dirigir, mas correu para o carro. Em alta velocidade, perdeu o controle do veículo.

— Tu me traiu! Na nossa própria cama, na nossa própria cama! - ela gritava, se contorcendo no chão.

O homem interrompeu a arrumação e tentou tapar os ouvidos daqueles gritos assustadores e sobrenaturais, impossível de serem silenciados. Mesmo assim, ele tentava fazê-lo, se afastando dela ao máximo dentro do quarto.

Depois de parar com os gritos e choramingos, ela senta no chão, de cabeça baixa.

— Sabe, eu já desconfiava dos teus assanhamentos, mas nunca pensei que ia te encontrar um dia... me traindo na nossa própria cama.

Ela então se levanta, recomposta, e fala serenamente:

— Mas... eu te perdoo. Eu te perdoo. Eu te amo, e quem ama perdoo.

O homem não sabia se estava com mais raiva ou medo. Pôs-se a chorar desesperado.

— Eu sempre te perdoo, sabe por quê? porque tu sabes amolecer meu coração, né, bem.

As mãos queimadas da mulher começaram a passear pelo seu próprio corpo. Ela suspirou, acariciou seus seios, o meio das coxas e fez voz manhosa.

— Tu sabe que eu sempre te perdoo, né. Ai, amor, eu tô com saudade...

O homem, enojado com a visão daquele corpo putrefato, levantou e andou para o mais longe dela possível.

— Vai embora!

Mancando, ela tentou segui-lo, com voz provocante.

— Vem aqui, vem. Fala pra mim, o que elas fazem que eu não faço? Fala, eu aprendo. Eu faço tudo por ti. O que é, hein?

Ele se esquivava, ela ia atrás, num jogo de pira-pegas grotesco.

— O que é? quer que gema mais alto? Quer eu me vista igual puta? É isso? Quer que eu raspe tudo? Eu raspo. Faço mais daquele jeito que tu gosta, sem reclamar de dor, eu juro. Eu... até eu tomo... um analgésico antes. Faço igual aqueles pornô que tu assiste...

— Cala a boca! Vai embora.

Ignorando a recusa do homem, ela insistiu.

— Eu faço tudo, tudo o que tu quiser, sabe por quê? Porque eu te amo. Fala, o que tu quer mais de mim, eu te dou, mais do que já te dei, porque eu te amo!

— Mas, eu não te amo, nunca te amei. - gritou ele desesperado.

A mulher se deteve, ficou desconcertada.

— O quê? - ela indagou.

O homem ao ver que a frase teve um impacto forte na mulher, fazendo-a parar, continuou a falar no mesmo tom.

— Eu nunca te amei. Nunca te amei. E sabe do que mais, te trai de tudo quanto é jeito, até na lua de mel te trai. Nessa cama aqui, ó, não foi só aquela vez não. Eu já tava era cansado de ti, sabia, ia te largar. Tu não precisava ter morrido. Não era... pra ter sido do jeito que foi, mas quer saber, foi até melhor tu ter morrido. Desgraça!

O homem pela primeira vez olhou para o rosto da mulher, esperando a reação dela, tenta ver alguma expressão naquele rosto parcialmente queimado, se é que seria possível distinguir alguma ali. Ela se afasta dele, volta a fazer de novo a expressão de estar confusa. Vira-se para a parede, e como se tivesse esquecido o que tinha acabado de ouvir do homem, fala chorosa:

— Eu morri? Morri mesmo?

Ela, então, senta no chão e solta o choro novamente.

O homem faz cara de tenso.

— Então... eu morri naquele acidente... eu morri naquele acidente, mesmo. Mas... - ela passa agora a falar num tom de voz feliz - eu voltei. Voltei! Eu tô aqui! Voltei porque te amo. Meu amor por ti me trouxe de volta!

— Porra, tu é surda, virou visagem e ficou surda! Eu não te amo, já disse.

— Não tem problema, não tem problema. Eu posso amar por nós dois. Aliás, por nós três.

A mulher, riu sozinha. Levantou-se. Abaixou a cabeça enfiou a mão numa fenda de bordas queimadas do que havia sobrado de seu vestido, e alisou a sua protuberante barriga em carne viva.

— É um pedacinho de ti, que tu colocou dentro de mim.

O homem não conseguia encarar a cena.

— Tu me traiu, mesmo eu tando grávida. Foi. Mas, mesmo assim eu te perdoo. Porque é isso o que o amor faz. O amor perdoa.

O homem chorou e repetiu seu mantra inutilmente:

— Vaiemboravaiemboravaiemboravaiembora.

Ele se assustou quando ela fez uma interjeição de surpresa e falou rindo:

— Ele chutou! Ele chutou. Olha, ele tá chutando. Pega aqui, sente.

O homem se levantou e voltou a se afastar da esposa, mas tropeçou e caiu sentado. A mulher parou diante dele, e toda feliz ficou ali, conversando com o bebê na barriga.

— Nós voltamos. Voltamos pelo papai, né neném? Voltamos pelo papai. Essa vai ser a nossa casinha, neném. Da nossa família feliz. Comprei essa casa pensando de a gente construir nossa vida aqui, só nós três. Longe da cidade, longe do barulho, longe da minha família, como tu queria, né... mas, longe também daquelas putas oferecidas que fazem de tudo pra destruir e felicidade dos outros. Invejosas.

O homem escutou com atenção as últimas frases da mulher. Olhou em volta do cômodo preocupado. *“Ela volta porque tá apegada a esse mundo, as coisa dela é a ponte que traz a defunta de volta”, “O senhor tem que se livrar de tudo o que era dela”,* as palavras ecoaram em sua mente. Deu-se conta da inutilidade da tarefa que executava. De que lhe adiantaria se livrar de todos os objetos da mulher, sem se livrar da casa?

Levantou-se e saiu do quarto.

A mulher permaneceu no cômodo, sem notar a saída do homem. Falava como se ele pudesse ouvir:

— O que tu acha de um nome de santo? Tiago, Marcus, Pedro, Paulo? Acho todos lindos. Não queria muito um nome inglês. Talvez francês, mas se tu quiser, pode ser inglês mesmo. Ou pode ser Júnior. O que tu acha? Afinal, tenho certeza que ele vai ter a tua cara, amor, esse pedacinho de ti. Né, neném de mamãe!

Ao retornar, o homem trazia nas mãos duas garrafas de querosene e fósforos. Já havia esvaziado duas garrafas pelo resto da casa. Pôs os produtos inflamáveis sobre a cama e curvou-se para as caixas, rasgando-as, ergueu-as e verteu todo o seu conteúdo no chão do quarto. Abriu a garrafa do líquido e esvaziou sobre tudo, eletrônicos, sapatos, roupas.

A mulher, alheia, seguia falando:

— Tu acha que eu vou ser uma boa mãe? Acho que vou. Cuidei de ti no pós-transplante, quando tu voltou a ser um *bebejinho*, lembra? - ela riu - Fazia tua “papinha”, tudo bem feitinho. Igual a uma mãe. Vou saber cuidar do nosso filhinho também.

O homem bufava de raiva. A mulher parou de falar, notou o que o homem fazia. Viu ali no meio do chão do quarto, já embebido de querosene, algo que lhe chamou a atenção.

— Isso no chão é meu vestido de noiva, amor? É sim. O que tu tá fazendo, bem? Tira do chão!

— Vou logo é queimar essa casa toda com tudo dentro. - foi o que ele respondeu sério e decidido - Assim não esqueço nada, nada que possa te fazer voltar de onde tu não deveria ter voltado.

O homem esvaziou sobre a cama a garrafa de combustível e abriu a caixa de fósforo.

— Queimar? Queimar? Porque? Porquêêêêê?

Ele riscou o fósforo na lateral da caixa. Jogou no monte inflamável, gritando:

— Some! Someee! Me deixaaaaa!

O fósforo caiu, e rapidamente se espalhou pelo ambiente. Não demoraria para chegar aos outros cômodos daquela casa. Ele saiu do quarto, acendeu outro fósforo na sala e cozinha e jogou. Deixou a casa assustado com os gritos apavorados da esposa morta que deixou para trás.

— Nããão! Fogo, não!

Em sua antiga casa, agora, ele descansava. Ainda assustou-se ao ouvir o toque da campainha. Foi atender. Era um amigo.

— Taí ó, tudo certinho. Todos os remédios.

— Demorasse - respondeu ele sem cumprimentar.

— Porra, velho porque não pediu pra algum entregador, ingrato!

O homem ficou calado. Olhando para as caixas de remédios pensativo. Sentiu a dor no ventre, resultado de dias sem tomar aqueles medicamentos indispensáveis.

— Melhor tomar primeiro o analgésico - aconselhou o amigo. Cara, tem certeza que vai ficar de boa, aí, mano?

O homem abriu o analgésico e tomou. Em seguida, respondeu o amigo.

— Sim.

O amigo estava incrédulo na resposta.

— Humm. Certeza? Tu anda meio estranho.

O homem, rispidamente interrompe:

— Estresse.

Ele estava impaciente para o amigo ir embora e não se estende na resposta. Mesmo percebendo isso, o amigo insiste na conversa, e em tom confidencial fala:

— Olha, ontem eu encontrei com aquela doida lá que tu tava pegando. Ela falou pra mim que tu tava com uns papo estranho aí. De que tava...vendo...

Sem esperar o fim da frase, o homem fechou a porta rudemente na cara do amigo, que foi embora esbravejando.

— De nada, né. Ingrato filho da puta!

O homem apressado, abriu as outras duas caixas de medicamentos, pôs uma pílula de cada nas mãos e as engoliu. Olhou desconfiado para os cantos da sala.

Viu na tela do celular a hora. Passavam das vinte e três já. “Ela não voltou. Deu certo.”

Suspirou aliviado. Sentou no sofá, massageou os olhos com o indicador e o polegar. Ativou novamente o celular e começou a rolar a tela num site de notícias. Era uma matéria sobre o incêndio em sua casa.

“Incêndio em condomínio de luxo destrói casa de recém-viúvo em condomínio da zona norte de Macapá.

Ocorreu na última terça-feira (15/01/2026) um incêndio que assustou os moradores de um condomínio de luxo na zona norte de Macapá. O fogo que começou por volta das 20:00h, levou quase duas horas para ser extinto.

O incidente marca a segunda tragédia no período de uma semana para o jovem e recente viúvo...”

O homem se levantou, foi em direção à cozinha. Saiu andando, enquanto continuava com olhos fixos na tela. Em voz alta leu o trecho que procurava:

“...algumas paredes externas do imóvel permaneceram em pé, porém já foram condenadas pelo corpo de bombeiros, que atestaram perda total e recomendaram a demolição imediata inclusive da área externa que contava com área de lazer e...”

O homem iniciou uma expressão de satisfação. Até ouvir por trás de si a voz da mulher cantarolando uma música de ninar. Ela estava sentada na poltrona, de costas para o homem.

Desesperado ele se virou e viu o couro cabeludo queimado dela, com poucas mechas de cabelo inteiras. Suas mãos perderam a força e seu celular foi ao chão.

— Shhhh! Não faz barulho. - pediu a mulher - vai acordar nosso menino.

Ela se levantou e se virou para o marido.

— Ele nasceu, amor. Nosso filhinho nasceu!

Ele sentou ao chão em negação

— Mas, como? eu me livrei de tudo, tudo que era teu. Queimei toda a casa!

A mulher levantou, caminhou na direção do homem e falou calmamente:

— Carrega teu filho, vai. Vê como ele é a tua cara. O pedacinho de ti, que tava dentro de mim, amor.

A mulher se detém, dá uma risada e fala:

— Olha só, que engraçado: eu tinha um pedacinho de ti que tava de dentro de mim. E tu tens aí um pedacinho de mim, que tá dentro de ti.

O homem, pasmo, silenciou seu choro desesperado. Arregalou os olhos, levou as mãos ao seu ventre e apalpou ali, em cima da cicatriz da sua cirurgia do transplante.

— Mas, esse meu pedacinho aí tu não pode tirar, né, bem. Aliás, já tomasse teu remédio pro rim hoje?

Fim